

Uma **imagem** vale **mais**

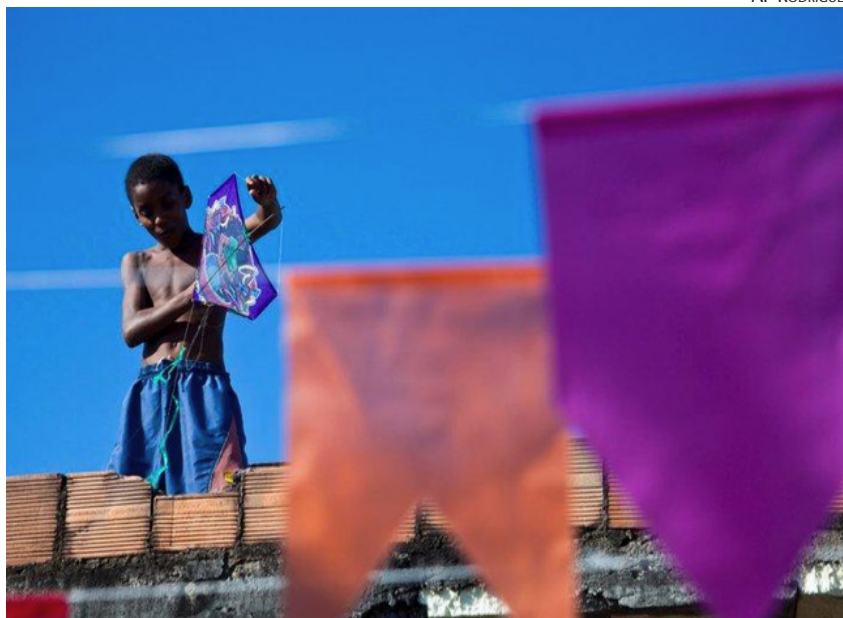
Projetos de ensino da fotografia em favelas mostram que o poder de transformação social de uma câmera surpreende até seus idealizadores

AF RODRIGUES

MAURO PIMENTEL

Durante dois meses numa laje itinerante cedida por algum morador do morro do Coqueiro, em Vila Valqueire, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, o repórter fotográfico Carlos Júnior distribui apostilas, papel, caneta e 10 câmeras analógicas para igual número de alunos. Enquanto isso no Complexo da Maré outro projeto, a fonte de inspiração de Júnior para suas aulas, se prepara para o início de uma nova turma. É o curso da Escola de Fotógrafos Populares, que funciona desde 2004, sob o comando do fotógrafo João Roberto Ripper.

As dificuldades podem ser diferentes, mas há um objetivo em comum. Júnior sonha com um teto e um número maior de máquinas fotográficas para os alunos do Visões do Morro, nome de seu projeto, mas assim como o coordenador acadêmico da Escola de Fotógrafos Populares e



Detalhe de criança com uma pipa numa laje da Maré

professor de fotojornalismo da UFRJ e UFF, Dante Gastaldoni, tem como meta a preparação de fotógrafos que entreguem uma produção que apresente uma visão diferente das atividades e do cotidiano da favela.

– Não estamos aqui para ditar normas nem regras. A gente vem para a Maré aprender e

trocar informações. O volume de novidades e demandas costuma ser tão grande que coisas inesperadas acontecem – contou Gastaldoni.

Um exemplo dessa imprevisibilidade foi a organização em grupos autônomos, como o Favela Em foco, organizado por ex-alunos da EFP, Escola de

Fotógrafos Populares. O QUE É?, para debater a busca diária pela imagem e atender pessoas e necessidades que a Escola não conseguia atingir. Segundo Gastaldoni essa iniciativa mostra que não há assistencialismo no trabalho feito pela escola. Pelo contrário. Para o professor não é por acaso que a fotografia é uma das formas de expressão mais utilizadas por essa geração, residente nas periferias do Rio e de outras cidades do país.

– Não se pode olhar o favelado como um coitado. O jovem, independente de sua origem, só precisa ser apresentado para a ferramenta de trabalho. São pessoas pulsantes, criativas e que sempre foram tolhidas em suas vontades. Mas há um novo espírito nas comunidades por todo o país. Uma tendência criativa que está levando a fotografia para os mais diferentes pontos do país – explicou Gastaldoni.

Um exemplo dramático dessa força transformadora da fotografia é o do adolescente L., de 14 anos, que em 2007, quando o Visões do Morro começou, participou de um dos primeiros cursos de fotografia ministrados pelo Carlos Júnior. Entre idas e vindas, L. acabou entrando para o tráfico na favela de Acari. Trabalhou como olheiro, precisava bancar pai, mãe e muitos irmãos. Por quase dois anos foi funcionário do tráfico até que reencontrou Carlos Júnior, seu antigo professor de fotografia, e trocou o fuzil e rádio-comunicador por *flash*, lentes e uma câmera. Deixou o crime antes que fosse tarde demais e agora busca



Criança se prepara para sair com um grupo de bate-bolas em Marechal Hermes, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro

ganhar a vida fotografando festas infantis, casamentos e tudo mais o que aparecer.

– O prazer de ter mudado a trajetória de alguém é inexplicável. Ele é um rapaz ótimo e que agora está de volta aos trilhos, longe do tráfico – confessou Júnior.

Gastaldoni acrescenta que a fotografia é uma linguagem universal e completa. Onde o chinês, o russo, o americano, o árabe e um brasileiro conseguem fazer uma leitura imediata, mesmo que simples, sobre uma foto ou um grupo de imagens. E que há um envolvimento que vai das artes, passa pela parte técnica e que está ao alcance financeiro desse público.

– A fotografia é extremamente adequada para o público jovem. Ela tem o exercício de uma técnica, a expressão de um espírito, a manifestação de uma arte, de uma visão documental e é uma coisa que depois do advento do digital está ficando cada vez mais barata e acessível. Você

pega um garoto com uma câmera e ele pode dar um depoimento de grande contundência sobre o que aconteceu à sua volta. O reducionismo, a simplicidade de documentação de sua realidade é o grande achado da fotografia – explica.

Gastaldoni reforça a sua opinião ao colocar a fotografia como a única ferramenta de comunicação que possibilita dar o seu testemunho sobre o mundo sem precisar de um grupo.

– O cinema, o jornal impresso, a televisão, o rádio, todos demandam edição, montagem, equipamentos e diferentes operadores. Em resumo, um grupo, uma equipe que trabalhe junta para levar sua visão de mundo, suas informações, até seus receptores com qualidade. Do outro lado a fotografia precisa apenas de uma câmera e um laptop para que o fotógrafo consiga expor seu trabalho e dialogar com o mundo. É uma ferramenta de leitura universal, mas de uma produção individual. Essas ca-



Criança joga futebol numa praça

racterísticas combinadas fazem com que haja uma multiplicação da fotografia, principalmente nas comunidades populares – conta.

Caminhos inesperados

A fotografia aliada à busca pela excelência está levando a produção de imagens para caminhos que não foram planejados por Dante Gastaldoni, na Maré, nem por Carlos Júnior, no morro do Coqueiro. Em ambos os projetos os alunos estão participando dos rumos que a EFP e o Visões do Morro seguirão daqui para frente. No caso da Escola de Fotógrafos Populares, a qualidade das fotografias de seus alunos começou a ser reconhecida fora dos limites da Maré. Nomes como o de Naldinho Lourenço, AF Rodrigues e Ratão Diniz figuram com frequência em exposições pelo Brasil e pela Europa. O testemunho fotográfico dessas pessoas joga luz em narrativas até então desconhecidas pela sociedade. Em alguns casos sequer

a própria favela tinha interesse nessas histórias. Personagens do cotidiano ou situações que por estarem na rotina da comunidade nunca receberam atenção alguma agora estão nas principais galerias de arte do Brasil e do mundo.

Essas novas pautas, em conjunto com o contato diário entre fotógrafos populares e fotojornalistas da grande imprensa, está alterando a forma como o segundo grupo enxerga a favela. Há muito mais que tiro, choro e enterros. Segundo os profissionais é o começo de uma forma diferente de se entender e retratar a favela na mídia.

– Não consigo mais ver diferença entre eu e o colega de trabalho do grande jornal carioca. Somos todos fotógrafos e, independente de nossas origens, estamos ali trabalhando pelo pão de cada dia. A fotografia é uma forma de trabalho que exige uma abertura ao novo. Quem escolhe fotografar como uma forma de levar a vida costuma estar de peito aberto para co-

nhecer novas realidades – conta Naldinho Lourenço, fotógrafo residente na Maré, formado pela Escola de Fotógrafos Populares.

Gastaldoni acrescenta que o segmento da fotografia que melhor recebeu a proposta de uma escola de formação de profissionais numa favela foram os fotojornalistas. Uma explicação é envolvimento prévio que muitos desses fotógrafos tinham com trabalhos sociais. Outro motivo foi o interesse pela novidade que era a formação de uma escola popular de fotografia. Muitos ofereceram sua experiência e seu tempo livre para o projeto. Todos queriam entender a iniciativa e dividir seu conhecimento.

– Desde grandes nomes do fotojornalismo brasileiro até o internacional visitaram a Escola de Fotógrafos Populares. Evandro Teixeira, Walter Firmo, Marc Riboud e até James Nachtwey, durante passagem pelo Rio, pediu que fosse recebido na Escola de Fotógrafos Populares. Onde encontramos a maior acolhida foi dentro do fotojornalismo atuante. As pessoas vinham até nós para conhecer e partilhar a paixão pela fotografia. Logo a garotada da EFP percebeu que não se tratava de pessoas que buscavam impor seu modo de pensar. Eles viram esses grandes nomes como colegas de trabalho. Pessoas que partilhavam da mesma busca diária por uma boa fotografia – explica.

Um nome que é unanimidade entre fotógrafos, de todas as origens, credos e convicções é o de Severino Silva, fotojornalista do jornal O Dia. Todos concordam

que ele reúne numa mesma pessoa o trabalho de um grande fotógrafo carioca, que trabalha para a grande imprensa, e ao mesmo tempo um morador de favela que nos seus mais de 30 anos de profissão, vive todos os dias essa transição entre morro e asfalto. Muito de se cogitar escolas populares de fotografia ou qualquer outro debate sobre fotografia e sua força social.

– Severino é um exemplo. Onde começa o Severino favelado e onde começa o Severino Silva, fotógrafo jornalista do O Dia? Severino é um cara que encarna os dois la-


dos da moeda – define o professor de fotografia Dante Gastaldoni.

No Visões do Morro, na zona oeste da cidade, Júnior conta que a produção de um documentário, de iniciativa dos próprios alunos, foi uma surpresa que reafirma o poder de uma máquina na mão e criatividade na cabeça. Com essa combinação só temos que sentar e nos surpreender com o resultado. Sempre haverá uma novidade.

– Eles acrescentaram um novo elemento ao ensino da fotografia. Deram um passo à frente na minha proposta, que era de ensinar

a prática, e implementaram uma necessidade da comunidade – conta Júnior.

A iniciativa dos alunos fez o professor voltar para a sala de aula. Júnior está estudando captação de vídeo e áudio com as novas máquinas fotográficas para poder orientar essa busca dos alunos.

– A situação se inverteu. Eles que estão me ensinando agora. Estou agregando novas formas de se trabalhar com a fotografia para poder incentivar cada vez mais os alunos. E quem sabe até onde eles chegarão – diz. 

Outro limite - de alunos a professores

AF RODRIGUES

Muitas barreiras são quebradas pela fotografia. A formação dessas escolas de fotografia em si é uma quebra de limites. Há também a educação, a financeira e até a de classes sociais. Os alunos da nova turma do fotógrafo AF Rodrigues, formado em 2006 pela Escola de Fotógrafos Populares, são o exemplo disso. Rodrigues, em parceria com seu ex-professor e fotógrafo João Roberto Ripper, montou um curso para ensino da fotografia para pessoas com síndrome de Down. As aulas já começaram e ele diz estar aprendendo tanto quanto seus alunos.



Aluna da turma de síndrome de Down tem seus primeiros contatos com a câmera

– A experiência é única. A forma como eu lido com eles

é totalmente diferente. Eles são mais abertos, expansivos e demonstram carinho com maior facilidade. É um público carinhoso e que faz questão de demonstrar seus sentimentos nas fotos e no contato pessoal – conta Rodrigues.

Para o coordenador acadêmico da iniciativa, Dante Gastaldoni esse projeto mostra que a formação de fotógrafos está dando certo.

AF Rodrigues foi formado na EFP e agora planejou e está levando para frente um curso dentro da escola. A nossa formação deu frutos e agora a produção de conhecimento parte da própria favela. A montagem desse curso é o exemplo do poder que a fotografia possui. É como o leito de um rio. Pode-se ter uma rota planejada, mas nada garante que você não tomará novos caminhos no percurso – explica Gastaldoni.